

O que apresento aos professores nas reuniões de formação?

Helô Pacheco (*)

“Vocês conhecem a escritora Teresa Cárdenas? Bem, trago aqui um trecho de uma das cartas do livro *Cartas para a minha mãe*”.

*“Mãezinha,
Encontrei um pedaço de espelho na rua.
Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca...*

Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beiço. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra.

Como acha que eu ficaria com olhos azuis, narizinho fino e a boca feito uma linha? Horrrosa, não é verdade?

Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas”.

Ao ler essa carta para um grupo de professoras do CEI São Miguel Arcanjo, da Aliança da Misericórdia em São Paulo, todas, sem exceção, emudeceram, faltaram palavras para expressar o que sentiam.

Teresa Cárdenas é escritora, roteirista, atriz, bailarina e ativista social cubana. Traz em sua literatura, personagens negros que expõem a dor vivida pelas atrocidades infligidas ao povo africano. Como por exemplo, em seu livro *Mãe Sereia*, da editora Pallas, traz no enredo o tráfico transatlântico de escravizados de forma ficcional, mas baseada no real. Apresenta para as crianças a história pelo olhar do negro. Comove.

Sua motivação para tornar-se escritora teve origem na infância, quando começou a ler e ficou frustrada com a ausência de personagens negras nos livros infantis. Ela questiona o padrão de beleza e de cultura originário do continente europeu. Suas indagações dialogam com o que vivemos no Brasil, um país onde a maioria da população é preta e parda, mas o padrão de beleza é do fenótipo branco.

Como educadora sei do compromisso de cada uma e cada um de nós da educação para mudarmos essa sociedade com racismo estrutural, esse racismo que está nas entrelinhas do nosso cotidiano.

Levar a diversidade de vozes e culturas é um compromisso pelo direito de todos de conhecerem as diferentes culturas, para que se possa desenvolver o respeito a todas elas, como também se ver representado e valorizado.

Conhecer livros de Carolina de Jesus, Kiusam de Oliveira, Conceição Evaristo, Cida Bento, Emicida, Heloisa Pires, Lázaro Ramos, Rodrigo França, Bell Hooks, Josias Marinho, Caio Zero e muitos outros, faz com que ampliemos nosso olhar para nossa raiz africana. Como educar nossos estudantes sem que se reconheçam nos autores ou nos personagens? Que seres humanos queremos formar? Que leitores formaremos se não trouxermos a diversidade cultural e humana?

Ao levarmos em nossos encontros de formação, objetos, livros, instrumentos musicais e ao conversarmos sobre a cultura indígena, propiciamos que conheçam um pouco mais de nossa raiz, de nossa própria história, desconstruindo estereótipos negativos de nossos povos originários.

Não foi à toa que os objetos indígenas do encontro de formação foram parar nas salas de referência das crianças do CEI, desde o berçário até os mais velhos. Entrar em contato com objetos de nossa cultura, faz parte da proposta da BNCC, sendo importante para a constituição positiva da personalidade de nossos pequenos e de nós mesmos, por valorizarmos nossas raízes.



Qual é o acervo que a escola tem de objetos e livros da cultura indígena, afro-brasileira e de países sul americanos que temos? Que tal convidar os pais para emprestarem algum objeto ou apresentarem para as crianças?

Nessa imagem, vemos o Livro das Árvores dos índios Ticunas, que foi xerocado e virou jogo de memória. Que lindo jogo! Conhecemos nossa flora amazônica pelas árvores desenhadas pelos índios Ticunas.





Como toda profissional da educação buscamos a intencionalidade em nossas ações, portanto, os livros de Ailton Krenak com sua cosmovisão, precisava fazer parte de nosso momento cultural.

São muitos indígenas que nos revelam através de seus textos e de sua arte, sua sabedoria, Kaka Wera é um deles.

Os animais representam diferentes poderes, aparecem nos bancos esculpidos pelos indígenas e também nas máscaras. A onça representa a força. E é com essa força que precisamos levar a cultura indígena para nossas escolas, para que bebês, crianças e jovens conheçam e respeitem a nossa cultura originária.



Abrir as portas das escolas para as diversas culturas é trabalhar para formar cidadãos mais conscientes e abertos para interagir com o outro de forma mais empática, respeitosa. Como diz Paulo Freire “a leitura de mundo, precede a leitura da palavra”.

(*) Helô Pacheco é formadora do Avisa Lá. Tem formação em Educação Artística e Pedagogia, Especialização em Arte, Alfabetização e Leitura literária para crianças e jovens.

Artigo publicado originalmente no Blog Avisa Lá em 27/03/2024.

Referências Bibliográficas

Kaká Werá Jecupé. A Terra de mil povos. São Paulo: ed. Peirópolis, 2000

Kaká Werá Jecupé. As Fabulosas fábulas de Iauaretê. São Paulo: ed. Peirópolis, 2000

Teresa Cárdenas. Cartas para minha mãe. São Paulo: ed. Pallas, 2010

Teresa Cárdenas. Mãe Sereia. São Paulo: ed. Pallas, 2018

Ailton Krenak. Futuro Ancestral. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2022

Ailton Krenak. A vida não é útil. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2020

Ailton Krenak. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2019

Ailton Krenak. O amanhã não está à venda. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2020

O Livro das árvores. Ticuna. Jussara Gruber (organizadora). Benjamin Constant: organização geral dos professores Ticuna bilíngue. 1997

Para saber mais:

Ministério da Cultura e Itaú Cultural

Kaká Werá – culturas indígenas

<https://www.youtube.com/watch?v=oF1OMZs1fME>

Marcia Kambeba – culturas indígenas

<https://www.youtube.com/watch?v=maZLixWP4Yw>

Ailton Krenak – cultura indígenas

<https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA>